



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**PEDRO PAULO DA SILVA GUIMARÃES**

**(entrevista)**

**Petrolina, PE**

**2016**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias – História do Handebol no RS

**Número da entrevista:** E-727

**Nome do entrevistado:** Pedro Paulo da Silva Guimarães

**Local da entrevista:** Porto Alegre - RS

**Entrevistadora:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Data da entrevista:** 20/07/2016

**Transcrição:** Adriana Zimmermann

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa de termos:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 76 minutos e 55 segundos.

**Páginas Digitadas:** 25 páginas

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: GUIMARÃES, Pedro Paulo da Silva. Entrevista concedida por Pedro Paulo da Silva Guimarães ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz. UNIVASF, UFRGS, PETROLINA (PE), 20 jul. 2016, 30 p.

## **SUMÁRIO**

Formação e início no esporte; Árbitro de Handebol; Início do Handebol na escola; Período de maior visibilidade do Handebol no Rio Grande do Sul; Iniciou d Handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Primeiro professor da disciplina de Handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos; Envolvimento dos alunos com a prática do Handebol; O Handebol nas escolas; A visibilidade da prática do Handebol.

Porto Alegre, 20 de Julho de 2016, entrevista com Pedro Paulo da Silva Guimarães (P.G.) a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz (J.K.) para o Projeto Garimpando Memórias.

J.K. – Então, inicialmente queria te agradecer pela tua disponibilidade e eu gostaria que tu iniciasse me contando um pouco da tua formação e como tu iniciou no esporte?

P.G. – Eu tenho a formação... Eu iniciei estudando em escola estadual e eu vi o handebol pela primeira vez indo para uma escola particular era o Colégio La Salle São João que fica aqui na Zona Norte e, na aula de Educação Física, eu tive a possibilidade de conhecer o handebol e a partir dali, então, a minha preocupação foi começar a treinar, já que tinha espaço para treinamento e eu fiz... Então eu fui para o quinto ano para o Colégio São João e ali que eu comecei a conhecer o handebol. Fiquei e fiz todo o meu ensino, na época ensino... Hoje em dia é fundamental e médio e a minha oportunidade foi bacana porque no último ano, já no terceiro ano eu fui convidado a treinar a equipe feminina de handebol da escola. Abriu um projeto com as meninas, então eu já ganhei uma bolsa de não pagar a escola para já começar a dar treinamento, então, o handebol foi muito importante nessa minha... Toda a minha formação em si, pelas oportunidades que eu tive. Na verdade, o que ocorreu? Ocorreu um destaque natural dentro das aulas e isso o professor, como tinha equipe que treinava separadamente, fora dos horários da Educação Física, me convidou: “Quem sabe tu não quer treinar com a equipe do colégio e tal?” “Vamos lá.” E a partir dali nunca mais eu larguei o handebol. O handebol como a gente brinca, é uma cachaca que a gente não consegue sair. Então comecei como um atleta, e já atleta e técnico do feminino, aí entrei para a faculdade, como eu vivia muito com a parte esportiva, eu fiz na verdade dois vestibulares, um na PUC<sup>1</sup> para Economia e um no IPA<sup>2</sup> para Educação Física. A importância de ter feito à noite, principalmente, era minha opção para poder trabalhar durante o dia, para poder pagar a faculdade, então, eu venho de uma família bem humilde e eu entrei na Educação Física e passei também na PUC. Aí eu fiquei: “Não, mas então eu acho que eu vou para a área que eu me identifico”, porque eu já tive a condição de ter trabalhado um pouquinho com pessoas e a gente sentiu que eu levava jeito e como eu venho de uma... De um espaço que são os centros comunitários, a professora, ela sabe

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>2</sup> Instituto Porto Alegre.

dessa importância dos centros comunitários nos bairros, que foram criados, e lá então eu também pude, além de aprender o handebol, a gente tinha vôlei, tinha natação, aprendi a nadar e toda essa influência em si de ter vivenciado bastante os esportes me levou para a área da Educação Física e ter o gosto pela Educação Física. Então a partir daí, fui para o IPA, mesma situação, jogando pela faculdade, passei a treinar a equipe da faculdade, feminina da faculdade por estar envolvido com a faculdade e na minha época ainda eram três anos a faculdade e a gente não tinha a disciplina de Handebol, quando eu me formei. Enquanto isso, dentro desse espaço, eu continuei dando treinamento lá no São João, fui contratado como técnico, então, eu dava treinos na escola e fazia faculdade de noite. Quando eu me formei fui laureado como melhor aluno atleta, e aí eu recebi a oportunidade... Como a Educação Física passou para quatro anos, eu fui o primeiro professor da disciplina de Handebol do IPA, então, a partir dali continuei ligado no handebol isso nesse trajeto de formação *minha* como pessoa, mas dentro de todo esse espaço a gente... Nós montamos dentro da escola uma Associação Desportiva, porque na época eram poucos clubes que se interessavam em querer ter o handebol, então para gente poder participar de eventos da Federação Gaúcha<sup>3</sup> nós tínhamos que promover uma Associação e essa Associação em si teria o poder de participar de eventos, se não, nós não continuaríamos o processo. Sai da escola para onde é que tu vai jogar? Só na universidade! Só que a gente buscou participar de eventos da Federação. Então nós tínhamos uma equipe muito boa dentro da escola que eram muitos ex-alunos que continuaram jogando, na verdade era uma Associação de praticamente ex-alunos. E com isso eu ganhei bastante destaque em cima, dentro do handebol e a partir dali fui técnico de seleção gaúcha, fui campeão brasileiro como técnico e fui campeão brasileiro como atleta, na seleção gaúcha, e então, a partir de ser técnico tem um momento que a gente tem que parar de jogar, não tem mais condições, então aos pouquinhos eu fui parando de jogar e aí passei a assumir realmente como treinador e pude treinar a seleção gaúcha adulta, treinei a seleção infante, sempre ligado nessa área do Handebol, muito ligado no handebol. Daí no IPA eu consegui também participar de eventos universitários sempre, ser técnico da seleção universitário do Rio Grande do Sul nos eventos nacionais. Bom, a princípio dentro dessa formação isso que eu posso te dizer assim, em poucas palavras, são muitas participações em si, muitos eventos, campeonatos que a gente participou, teve um momento que eu às vezes era técnico e jogador, porque como tinham poucos técnicos que tinham uma condição, assim,

---

<sup>3</sup> Federação Gaúcha de Handebol.

de conhecimento maior, os atletas às vezes não obedeciam então eu tinha que muitas vezes ser o técnico e jogar, porque também sempre gostei muito de jogar, e fui no estado um dos destaques posso te dizer. Com toda a certeza esse handebol me deu só alegrias, posso te dizer que tive muito poucas lesões, são coisas que muito ocorrem, nunca assim, a maior lesão que eu tive foi uma quebra de um dedo e ocorre, mas no mais assim de tornozelo, de joelho que muitos machucam. Eu nunca tive problemas e consegui, mesmo jogando um nível bom, sem ter muitas lesões, isso me facilitou, porque eu acho que se a pessoa começa a ter muita lesão, principalmente, o handebol, muito de tornozelo e joelho, ombro dos arremessos isso vai acabando, te desgastando e tu largando mais cedo. Eu, com quarenta anos estava jogando ainda e bem, eu fui parar não faz muito tempo e esses dias eu até resolvi jogar de novo, brincar um pouco. Então, foi essa trajetória minha dentro do esporte, a partir dali eu fui convidado e veio a oportunidade de trabalhar lá na UFRGS<sup>4</sup> como professor substituto da disciplina. E dentro da UFRGS fiquei dez anos, sendo que sempre dois anos e depois dois eu tinha que ficar fora pela lei, mas foi uma grande experiência trabalhar com acadêmicos, como eu já tinha antes lá no IPA trabalhado com acadêmicos também, uma área que me chamou bastante a atenção, a área acadêmica, e hoje em dia eu dou aula na faculdade Sogipa<sup>5</sup> de Handebol e de outras disciplinas também, que eu tive a oportunidade de estar trabalhando, futebol, futsal.

J.K. – Chegou algum momento atuar como árbitro também?

P.G. – Sim, e ainda atuo como árbitro, no decorrer do processo eu montei uma empresa, tenho uma empresa esportiva e essa empresa é para eventos, arbitragens, escolinhas e tudo mais, e eu seguido estou contratando para arbitrar, eu tenho atualmente a função de coordenador técnico da Federação Gaúcha de Handebol e a Copa Unisinos, que é uma copa bem conhecida da gente, e já faz mais de dez anos que eu arbitro na Copa Unisinos e coordeno a parte da arbitragem do handebol.

J.K. – Como tu estudou na escola São João, tu saberia me dizer como o handebol entrou nessa escola?

---

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

P.G. – Sabe que o handebol é uma modalidade que veio para, principalmente, o Brasil através da imigração, ela chegou primeiramente em São Paulo, então, o que ocorreu? Muitos professores do estado, de todo o Brasil foram convidados a ir conhecer esse esporte novo, que chegou praticamente da Alemanha, um dos países que mais se pratica o handebol de alto nível, e aí muitos professores aqui do estado foram para São Paulo fazer um curso para conhecer essa modalidade nova, e aí trouxe para cá o handebol. Isso por volta de década de 1960, 1950 por aí, e como foram professores de vários locais, foram de Porto Alegre, foram de Santa Maria<sup>6</sup>, foram de Guaíba<sup>7</sup>, foram de várias cidades do estado que estavam interessados, trouxeram para cá essa nova modalidade que no início começou a ser jogado muito pelo pessoal que era do basquete, porque é um pouco semelhante, alguns acham, não tem nada... Uma coisa é uma coisa, a outra é outra, como o pessoal que jogava com as mãos era do basquete o pessoal do basquete começou a jogar o handebol e também alguns que faziam polo aquático também, que era com a mão, que já tinham o arremesso, o movimento do arremesso começaram a praticar, mas assim, te dizer certo quando entrou na escola eu... Quando eu entrei para a escola eu sei que já tinham equipes da escola, eu entrei em 1970, então em 1970 a escola já tinha alguma coisa de handebol, então o professor na época era o professor Élio Carraveta<sup>8</sup>, que era o professor também da ESEF<sup>9</sup>. Então, quem me colocou na verdade, conhecer o handebol, foi o professor Élio através das aulas de Educação Física, acho que ele também foi um dos professores que conheceu o Handebol um pouquinho e trouxe para dentro da escola. Como o handebol é uma modalidade muito fácil para iniciação, ela é muito tranquila porque pode envolver bastantes alunos, tu fazer a atividade com vários alunos, apenas às vezes com uma bola só, tu consegue mobilizar muita gente e o handebol se tornou muito praticado e é um dos esportes mais praticados na escola, por essa facilidade, tu ter uma goleira e tu ter uma bola e as outras situações a gente organiza, montar uma área, marcar, então, ficou muito fácil. Outra coisa que foi interessante também foi uma forma das meninas também poderem jogar, porque as meninas na época não tinham... Hoje já jogam mais futebol, mas na época não... Futebol não era para meninas, essa discriminação tinha bastante, então o que as meninas se apegaram? Ao handebol. Então para ti ver como a gente tem hoje uma seleção campeã mundial que é feminina, o feminino também aqui no estado e em todo o país foi

---

<sup>6</sup> Município do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Município do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Élio Salvador Praia Carraveta.

<sup>9</sup> Escola de Educação Física.

um grande crescente por facilitar as meninas jogarem um esporte de contato, não sendo o Futebol. Eu acho que era isso, dentro da escola eu não tenho a certeza de te dizer qual o momento que iniciou, mas foi por volta de 1970 por aí porque foi um esporte novo, conhecido aos poucos e através dos Jogos Escolares Brasileiros que foi criado e daí cada estado começou a levar suas representações e daí tu dizia: “Mas temos que treinar mais” e assim por diante, a evolução do esporte, todos eles são dessa forma. Como eu estava te dizendo, o handebol para iniciação é muito fácil, mas para o alto nível é muito difícil, porque é um dos esportes com maior velocidade em quadra, muito rápido, esporte que as regras proporcionam a velocidade do jogo, então, é um jogo muito interessante, jogo muito tático, os jogadores tem que ser muito além de fortes, porque precisa de força, mas tem que ser inteligente para jogar. Como ele é tão fácil para iniciar, mas no alto nível ele é muito difícil, ele tem esse disparate, ele aparece bem direitinho.

J.K. – Saberria me dizer quando que iniciou o período de maior visibilidade do handebol aqui no estado?

P.G. – Por volta de 1975 por aí, aonde Santa Maria foi um grande destaque, porque Santa Maria se tornou nesses anos de 1975 para cima, 1985 e tal, dez anos campeão brasileiro, foi dez anos consecutivos campeão brasileiro. Santa Maria criou um núcleo muito forte através do professor Luiz Celso Giacomini e aonde era a nossa grande dificuldade porque a gente disputava com eles, mas na verdade a gente era sempre o segundo do estado porque nós estávamos sempre competindo com o campeão brasileiro. Isso foi na minha época de esportista, essa era a grande dificuldade que nós tínhamos, porque o nosso adversário era um campeão brasileiro e eles treinavam, como cidade do interior, eu acho assim, que sempre o interior sempre tem uma possibilidade melhor do que a capital, pelo deslocamento porque muitas vezes cidade do interior não tem muito atrativo como uma capital e aí tu te preocupa em fazer trabalhos, e se tem professores disponíveis para fazer esse trabalho em cidade do interior tu consegue muito mais coisas. A prefeitura é muito mais próxima, eles trabalhavam muito na Universidade de Santa Maria, na Federal, e aí formaram grandes times lá, hoje em dia ainda tem, mas não naquela proporção que ocorreu, então, nós tivemos um espaço bem longo do handebol gaúcho como um destaque nacional e depois é que começou a vir o feminino. E aí o feminino hoje em dia ele tem um



destaque muito maior, porque ele participa da Liga Nacional<sup>10</sup>, então, temos a equipe de Caxias do Sul<sup>11</sup>, tivemos Sapiranga<sup>12</sup>, teve equipes fortíssimas no handebol feminino, tivemos Novo Hamburgo<sup>13</sup> com grandes equipes femininas de handebol que hoje ainda continua, então, o feminino teve o seu destaque depois, depois de 1990 para cima, agora o feminino teve mais destaques nacionais do que o masculino.

J.K. – Na tua opinião, o handebol aqui no estado ele iniciou mais na escola ou em clubes?

P.G. – Escolas. Ele iniciou nas escolas e foi via muito a esse curso que eu te falei lá de São Paulo, que os professores que foram eram professores das escolas estaduais e eles, quando voltaram começaram a introduzir nas escolas, e isso começou a se espalhar porque como era uma forma de tu fazer uma Educação Física bacana, com jogo e na época, na nossa época o esporte era muito foco, hoje em dia já temos as academias como um foco maior dentro da área da Educação Física, a área da saúde, academia e na nossa época o foco todo era para o desporto... Era muito desporto, e o handebol quando chegou, uma novidade, uma atração, uma modalidade fácil de ser iniciada e isso contaminou nas escolas, os professores começaram a querer dar handebol, porque o esporte é bem fácil de ser jogado e, principalmente, na iniciação a gente evita os contatos físicos, aí é mais tentar tirar a bola sem fazer a falta e isso foi um esporte que cresceu bastante dentro da escola. Aí os clubes começaram à medida que os alunos saíam da escola e gostariam de continuar jogando, mas não tinham onde jogar e as universidades estavam também em processo, ainda não tinham times formados. Começaram a se pensar os clubes e muito por iniciativa dos próprios atletas, iam lá no clube e: “a gente tem um esporte aí que a gente quer colocar, que é o Handebol”, “Mas, o que que é esse handebol?”. Hoje em dia é conhecido, mas na nossa época falava Handebol ninguém sabia o que era handebol, daí disse: “Não, é um esporte assim, a gente pode jogar pelo clube.” E aí que os clubes começaram a aparecer, mas na verdade apareceu antes dos clubes mesmo, as Associações, que eram próprias dentro das escolas, dentro da Universidade para poder continuar jogando.

---

<sup>10</sup> Liga Nacional de Handebol Feminino.

<sup>11</sup> Município do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Município do Rio Grande do Sul.

<sup>13</sup> Município do Rio Grande do Sul.

J.K. – Agora em relação à disciplina de Handebol, tu saberia o ano que ela iniciou dentro da ESEFID?

P.G. – Olha eu vou te dizer que da do IPA eu tenho certeza que iniciou em 1983 que foi o ano que eu abri a disciplina lá; na UFRGS, se eu não me engano, já tinha o handebol, já tinha como disciplina anteriormente, então eu acho que ali por 1977, 1978 eu acho que a ESEF já tinha essa disciplina da UFRGS e o IPA só foi colocar mais tarde porque eram três anos e eles não tinham o interesse de ter o handebol.

J.K. – Certo, e saberia me dizer quem foi o primeiro professor da disciplina de Handebol da ESEFID?

P.G. – Deixa eu ver quem é que... Olha eu tenho acho que o Élio foi um dos primeiros, professor Élio Carravetta, temos o professor Marco Paulo Stigger, que foi também envolvido com handebol, quem era da época da ESEF... Porque era muito assim, dos jogos acadêmicos que o pessoal reunia pra fazer os eventos, da disciplina em si eu não lembro, porque quando eu entrei, eu entrei substituindo o professor Élio, não o Stigger o Marco Stigger, então como o professor Stigger foi fazer doutorado dele fora, abriu o vaga do professor substituto de handebol, então anteriormente eu não lembro para te dizer com certeza, eu sei que teve o Élio e depois o Stigger.

J.K. – E porque que ela foi incluída no currículo universitário?

P.G. – Também é uma pergunta que pra mim fica difícil te dizer com certeza alguma coisa, apesar de que... Como eram das modalidades esportivas, já existiu basquete, o vôlei era uma disciplina, como o handebol veio nessa imersão rápida aí dentro das escolas, na necessidade, praticamente foi por isso, porque os professores estavam dando handebol nas escolas e nós estávamos formando professores para trabalhar em escolas praticamente, e aí a importância da gente poder passar um conteúdo dessa modalidade para eles chegarem na escola e trabalhar com os seus alunos, porque antes era muito através de curso, fazia um curso e ia lá e o professor desenvolvia o trabalho, não tinha na própria faculdade, então a necessidade foi porque começou a surgir no mercado essa situação de o handebol ter, mas

não ter a disciplina, então: “vamos ter a disciplina, para quem se formar vai saber sair para trabalhar com essa situação”.

J.K. – Certo, e na disciplina quem praticava mais, eram homens ou mulheres?

P.G. – Olha, nós tínhamos aí duas situações: dentro do IPA a gente teve um período que era o seguinte, entravam cinquenta mulheres e cinquenta homens, meio a meio, tinham cinquenta vagas para as mulheres, cinquenta vagas para os homens, então nós tínhamos uma turma só de meninas e uma turma só de meninos, chegamos a trabalhar assim, lá no IPA, então era meio a meio. Na UFRGS eu lembrando assim, não era *tão* diferente, tinha bastantes meninas que fizeram Handebol comigo, assim como meninos também, então mais ou menos parêlho assim, eu posso te dizer que nunca foram poucas meninas do handebol, na UFRGS eu tive bastantes meninas que fizeram Handebol comigo, mas se tu vai pegar um pouquinho, sempre um pouquinho mais de meninos que estavam fazendo a disciplina, tinha uma... Tipo sessenta, quarenta por aí, uma porcentagem mais ou menos.

J.K. – E como que tu enxergava o perfil desses alunos que buscavam fazer a disciplina de Handebol?

P.G. – Tem todos os tipos de perfil, tem o aluno que precisa fazer pelos créditos, tem algum aluno que vai fazer por interesse, para conhecer, porque achou legal, já viu ou vivenciou na escola. Eu também fazia muita pergunta no início quando nós iniciávamos a disciplina: “Quem é que nunca jogou handebol?” então em uma sala com uns vinte e cinco, trinta, porque às vezes chegava a ter tudo isso, um ou dois nunca tinham visto handebol, os demais levantavam a mão, aí eu perguntava: “Onde é que tu viu o handebol?”, “Na escola, na Educação Física”, então, na verdade muitos alunos vinham por ter jogado, por ter que cumprir aquelas suas horas, que tem que fazer aquela disciplina para fechar as suas horas, outros começaram a vir porque eles começaram... Os alunos que fizeram gostaram e disseram: “*Bah*, é muito legal, a gente joga bastante e tal” então passou o interesse para os outros alunos, muitas vezes pela forma que é apresentada a disciplina e eu vejo muito assim, hoje eu sou professor, mas já fui aluno e a gente gostava muito quando gostava e se identificava com o professor, quando o professor tornava a disciplina agradável, então, foi isso que eu sempre busquei lá na ESEF, fazer uma disciplina agradável. Para tu ver, como

eu estava te contando antes da entrevista, muitos alunos esperavam dois anos passar para fazer a disciplina quando tu voltar de novo. Então era bacana de ouvir isso como professor. “Os alunos estão gostando da disciplina!” Então essa é outra forma também do aluno muitas vezes buscar uma determinada disciplina, é ter ouvido de alguns colegas que aquela disciplina é legal, que a gente aprende, que a gente joga também, que ela é dinâmica, e isso fazia com que os alunos se inscrevessem no handebol. As minhas turmas do handebol eram praticamente todas lotadas, por isso eu te disse, o aluno vai muito também por algumas coisas que ele é obrigado a fazer, mas eu sempre acredito no seguinte, ele ir porque ele... Escutou que a disciplina é legal e que ele vai aprender uma modalidade nova e muitos reviveram o que aprenderam na escola, e muitos disseram: “Na escola a gente quase não entendia muito como é que era”, mas eu sempre frisei o seguinte: “Agora vocês não tem que jogar, vocês serão professores, vocês tem que pensar como professor, vocês vão ensinar, então, como vocês devem ensinar para que vocês tenham os alunos no handebol”. Eu digo que é uma modalidade que se vocês ensinarem direitinho as crianças se apaixonam e largam o futebol e vão jogar handebol, que às vezes a gente largava e não queriam jogar futebol, queriam jogar handebol, porque era mais interessante, todo mundo participava, então, eu vejo muito assim, acho que a importância do professor conduz bastante que os alunos tenham interesse por aquela disciplina.

J.K. – Hoje essa disciplina é eletiva, ela sempre foi eletiva?

P.G. – Não, ela chegou a ser obrigatória, ela era Handebol Fundamentos e Handebol Técnicas Avançadas e tinha ainda Handebol que era uma parte que o aluno tinha que fazer o estágio do handebol, eu não me lembro agora como era o termo que a UFRGS usava, mas era... Tu tinha o Fundamentos, que só trabalhava mais a iniciação, depois Técnicas Avançadas, já eram um nível um pouco mais, para aqueles que tiveram Fundamentos e gostaram e vão para Técnicas Avançadas, Técnica de Ensino, e tinha o Handebol Técnicas de Ensino, que o aluno então ia para uma escola, a gente conseguia uma escola para ele desenvolver todo o trabalho que ele fez dentro das aulas de Fundamentos.

J.K. – Interessante. E essas três etapas eram obrigatórias?

P.G. – Não, a Fundamentos era obrigatória, as demais tu te inscrevia se tu quisesse, a Técnicas Avançadas estava... E aqueles que gostaram das aulas de Fundamentos se inscreviam para Técnicas Avançadas, que era uma forma de continuidade do trabalho.

J.K. – E as turmas sempre foram mistas também?

P.G. – Tudo mista, sempre mistas. Agora já não é mais obrigatória então?

J.K. – Não, ela é eletiva. Os alunos que procuravam ela, eles estavam mais no início ou no final do curso?

P.G. – Tinha, é que a ESEF ela tinha... Como o handebol ela não tinha muito pré-requisitos, então eu pegava muito aluno de início de semestre, aluno no meio e nós tínhamos uma desparelhagem... Não tinha muito isso de que era primeiro semestre; vinha de todo semestre, tem gente que deixava depois pra fazer por último, tinha até formandos. Então não tinha uma ordem de semestre, mas ficava os primeiros semestres, do primeiro semestre para o quarto semestre é que o que tinha mais, terceiro, quarto semestre, que tinha mais número de alunos.

J.K. – E eram todos da Licenciatura ou tinha algum aluno do Bacharel?

P.G. – Não existia Bacharel, só tinha Licenciatura e era Licenciatura Plena, daí envolvia as duas, depois da divisão daí eu já não estava mais lá.

J.K. – Certo. E como era o envolvimento desses universitários com a prática do handebol?

P.G. – Olha eu sempre achei muito interessante, porque eram bem participativos e na verdade a proposta da *aula* era participativa, então, eles acabavam se engajando e na medida que eles descobriam, como eu te falei que o handebol não é difícil, quando eles começaram a descobrir que eles conseguiam jogar, que muitos ali colocavam: “Professor eu nunca achei que eu iria conseguir fazer o que eu fiz.” Então esse envolvimento com a aula, fazer com que eles tenham a condição de realizar coisas que não realizaram isso era uma grande satisfação para eles, eu notava bastante interesse em participar, foi através

disso que eu montei o grupo de handebol que hoje existe lá na ESEF, que o Caporal<sup>14</sup> trabalha com eles, foi através de muitos alunos “bah professor a gente quer montar uma equipe de Handebol...” Eu disse: “Então vamos ver um horário que a ESEF tenha disponível aqui para gente começar” e aí eu comecei dando treino para o masculino e dando treino para a equipe feminina, fora dos meus horários de aula. Não tinha nada com as aulas, mas foi através do interesse dos próprios alunos que começaram a dizer: “A gente quer continuar o handebol” e aí eu: “Para continuar então vamos fazer um projeto” e aí o projeto era aberto, mesmo quem não era da ESEF podia participar, mas a grande maioria eram alunos que tinham passado pela disciplina de handebol, então isso mostra que o interesse deles foi muito importante porque se eles tivessem só vivenciado a disciplina, mas ninguém tivesse tomado a iniciativa de “vamos continuar!” não teria acontecido as equipes que hoje representam a UFRGS que já foram campeões pela UFRGS. Tem uma história que eu achei bem interessante, porque isso deu continuidade à modalidade. Tu tem um espelho, a faculdade tem a disciplina do Handebol, como tinha a do Basquete, como tinha de Vôlei, só que antes era só o Basquete, o Vôlei e o Futebol e não tinha handebol e com essa situação de poder montar o projeto abriu a possibilidade dos alunos continuarem a disciplina jogando pela faculdade, então, foi bem interessante. Eu acho que isso foi uma das formas que os alunos me colocaram assim também e isso motiva o professor, porque tu vê que o aluno está interessado, tu passa e ele te dá *feedback*, dá um retorno, então a gente continuou o processo... Eu vi sempre o aluno interessado, eu gostava muito de dar aula na UFRGS, uma universidade que não tinha cobranças, tu ia por gostar e isso eu acho o fator mais interessante da gente poder dar aula é tu ir gostando e a gente tinha uma amizade não só dentro também como fora. Até hoje quando a gente se encontra, os alunos lembram “PP” meu apelido lá era “PP” Pedro Paulo, então a UFRGS colocou esse apelido de “PP” e aí eles: “Como era bom nossa disciplina!” Isso é legal da gente ver que os alunos curtiam a aula e não iam só por obrigação, mas porque eles gostavam de ir para o Handebol porque sabiam que estariam ali se divertindo, uma aula, mas era diversão também.

J.K. – Tu acredita que a modalidade de handebol no currículo universitário tem aumentando a prática desse esporte nas escolas?

---

<sup>14</sup> Guilherme Cortoni Caporal.

P.G. – Olha essa é uma problemática e uma pergunta bem difícil. Por mais que a gente coloque e tenha essa disciplina, a grande dificuldade cada vez maior foi através da perda da Educação Física dentro da escola, as escolas passaram a ter a Educação Física, praticamente, como uma disciplina... Tirando aquilo que tem que ser realizado, optativa, e isso faz com que muitas vezes os professores nas escolas não trabalham com a disciplina, principalmente nas séries iniciais vai trabalhar toda a formação, trabalho com as propriedades motoras, todo o desenvolvimento de coordenação, agilidade e quando entra já na parte do Ensino Fundamental já tem algumas escolas que não tem esse profissional para trabalhar. Muitas vezes ele passou pelo handebol, gostou e tudo mais, mas não tem a oportunidade de ser professor de uma escola, porque muitos dentro de concurso, que tem que fazer e os que passam levam para escola, se tiveram o handebol eles sabem que é uma modalidade que é fácil de ser acessada e trabalhada. Então eu vejo assim, que dentro do currículo da Educação Física ainda ocorre, o que não ocorre mais são aqueles incentivos às equipes que as escolas tinham antes para participarem de eventos, então o aluno ele fica ali dentro da Educação Física, ele joga um pouco de handebol, ele conhece e tal, mas não... Em uma época anterior as escolas tinham preocupação de *além* de ter a Educação Física forte era ter equipes que representassem sua escola, e isso tudo ocorreu porque através dos custos, então a escola: “Eu tenho que pagar um professor para ter uma equipe, eu tenho que ter horas extras de treinamento” e isso vai tendo uma dificuldade maior, mas acho que ainda o acadêmico ele sai com uma certa condição geral de tudo, é muito do acadêmico, muito de cada um, de tu encarar: “Eu peguei determinado local, eu tenho que dar aula, eu tenho que dar handebol” ou está dentro do plano da escola que tenha o handebol, eu me interessar, pegar novamente, eu fazia uma apostila com os alunos, eles brigavam comigo muito “bah professor”, não, vocês vão ter, porque um dia... Deixa lá pegando teia de aranha, mas um dia que vocês forem convidados para dar handebol vocês vão lá, primeira coisa que vocês vão ver, toda a parte de iniciação como é que vocês tem que começar, e depois é buscar conteúdos e ir atrás e trabalhar. E eu tive grandes professores que hoje trabalham com escolas e equipes de escolas e foram meus alunos no handebol, então eu consegui, assim, passar um pouquinho, transmitir para alguns, que não são todos a gente sabe, que continuaram esse processo formando, trabalhando e vai depender muito, eu acho, de cada aluno e a oportunidade que ele tem, as escolas se fecharam muito em termos de contratação de professores, então muitos não... O aluno sai muitas vezes com vontade de dar aula, mas e agora? Aonde que eu vou trabalhar? Como eu disse para ti, clubes são

poucos clubes de Porto Alegre que abriram espaços para o handebol. Um dos clubes que foi campeão brasileiro foi o Lindóia<sup>15</sup>, mas foi através do professor de handebol, eu trabalhei no Clube Lindóia também, através *sempre do* professor e não da iniciativa do clube... O professor apresentava: “Nós temos um projeto de esporte, o handebol, vamos colocar não tem custo, não sei o que...” e aí a gente criava essa oportunidade, mas dificilmente o clube dizia: “Eu quero um professor de handebol.” Então a gente sabe que essa é uma grande dificuldade ainda do nosso esporte, enquanto o professor é o centro da modalidade, e que deveria ser diferente, como é no futebol, sai o técnico contrata outro técnico, em uma escola muitas vezes sai o professor acaba aquela modalidade... Hoje em dia, no São João, só para ti ter uma ideia, eu ainda tinha quando saí, deixei um ex-aluno do Handebol, que foi aluno meu da UFRGS também trabalhando lá, depois que ele saiu acabou o handebol. Então o São João que foi uma das escolas mais conhecidas do Brasil, no estado nem se fala, mas no Brasil porque jogou campeonatos brasileiros e foi campeão, acabou o handebol por quê? Porque as pessoas que gostavam da modalidade saíram de lá, os professores, não teve uma continuidade. Então eu vejo assim, que a escola perdeu muito a forma de conteúdos que eram desenvolvidos dentro das suas atividades, principalmente na parte da Educação Física e a gente ouve falar muito e é uma das coisas contestadas na nossa profissão aí de professor, é sempre de que o professor dá uma bola e deixa jogar. E isso é tudo muito fácil, porque daí tu não tem envolvimento, não tem cobrança com os alunos, ensinar alguma coisa, porque tu dá o material e deixa ele explorar, isso é legal em uma iniciação de formação, mas não continuidade, não tem essa continuidade, tu tem que ter controle de conteúdos, como eu sempre dizia pra eles: “Tu pede para o professor de português, eu quero só acentuação, não né!”. O professor de Português tem os seus conteúdos, professor de Educação Física tem seus conteúdos, e a gente dentro dos conteúdos tu coloca ali toda a parte de formação, mas também as partes esportivas, que é onde entram as modalidades esportivas e o handebol é uma delas, só que a gente não vê mais dentro da escola, ainda em um período anterior a gente via um pouquinho de trabalho dentro das escolas, mas hoje pelo que eu tenho acompanhado, como eu continuo ainda dentro da área acadêmica, eu vejo a defasagem do ensino das escolas muito grande em termos de conteúdos dos alunos, eles aprenderem uma modalidade, vivenciarem, jogarem, não só futebol e as meninas só fazendo bambolê, pulando corda e coisa... Então eu acho assim que nossa parte de ensino esta realmente muito fraca no sentido de tanto da área de

---

<sup>15</sup> Lindóia Tênis Clube.



Educação Física, como a gente sabe nas outras disciplinas também, mas a Educação Física só pra ti ter uma ideia eu fui em uma escola perto da UFRGS ali, aonde eu falei com o professor de Educação Física que eu conhecia, eu disse: “Mas quantos alunos tu está?” “Não professor, é que faltou três professores e a diretora mandou os alunos tudo aqui para o pátio e eu não tenho nem onde dar Educação Física”. Então essa é a nossa realidade da Educação Física, tu não tem um planejamento, uma execução desse planejamento, porque é muito difícil principalmente no estado, de tu conseguir trabalhar. Uniforme tu vai cobrar e têm crianças que querem fazer de chinelo de dedo que não está adequado para realizar atividade física, então isso mudou muito. Na minha época, que a gente tinha nosso tênis, nosso calção e nossa camiseta, que era obrigatório a realização, tudo uniformizadinho para fazer Educação Física. A Educação Física era fora do horário normal, porque tu vinha só para a aula de Educação Física. Hoje em dia os alunos, se tu pegar um aluno de sétima série tu não consegue fazer a menina fazer a aula: “Professor, não posso suar” porque ela vai para o recreio, porque ela quer dar uma paquerada nos guris do Ensino Médio, não é isso? Então é uma briga para fazer. “Vamos fazer aula, temos que fazer aula, a Educação Física ela roda”, então, tu tem que estar sempre trabalhando e dizendo que é uma disciplina igual as outras. Agora sobre fora do horário, tu vai lá tu sabe que tu vai fazer Educação Física, se tu não for tu não vai pra aula. Então, isso de ter colocado a Educação Física dentro dos horários por um lado facilitou em termos econômicos, tu tinha que ir muitas vezes, ou duas vezes na escola, mas por outro lado o aluno... Tu imagina tu fazer uma aula forte de Educação Física, daí tu esta toda suada, tu vai ter que voltar para dentro da sala de aula com as tuas colegas, isso é anti-higiênico não é legal, então isso quebrou. Se a gente vai pegar outros países, tu vê que o aluno fica no turno e contraturno já na escola e no período fora aula ela tem a parte de cultural, a parte de música, a parte de Educação Física que é separado, que daí tu termina, tu toma o teu banho, tu tem um processo legal e com nós não acontece. Então são grandes as dificuldades que a gente tem, tanto o professor de ter dificuldade às vezes de poder passar e colocar a modalidade a funcionar, e toda essa estrutura que a gente tem hoje em dia que é muito difícil, se tu me perguntar: “O professor sai preparado?” Eu acho que não! Na verdade, a Universidade ela te da uma visão geral de muitas coisas, ela não consegue aprofundar e tu vai ter que buscar dentro daquela imensidão de disciplinas ali que tu teve, qual é o caminho que tu quer? E a importância de fazer essa formação, que eu sempre falo para os meus alunos, é tu dentro desse período que tu está dentro da faculdade, é aproveitar, vivenciar o máximo que tu puder de experiências,

não vai com a cabeça voltada, tipo, “eu vou ser da academia.” Não, faz uma arbitragem de alguma modalidade... Tu vai aprender tanto na parte prática como às vezes... Eventos, vai! Porque ali que vai te dar uma certa experiência para tu já ter uma noção do que gosta mais, do que não conhecia... Então dentro desse período acadêmico aí, que a gente calcula cinco, quatro anos é quem consegue fazer tudo, mas cinco, seis anos nós temos todo esse percurso, aí para experiências fora, aproveitar a faculdade para conhecer, tem muitos projetos dentro da Universidade que é legal de participar, muitos com bolsa até que te ajuda. Então eu acho que o aluno tem também que procurar isso para que saia um profissional já com uma experiência em alguma área e depois ele vai ver que não tem mistério, o que ocorre muitas vezes é que o aluno passa pela faculdade todo esse período só tendo aula, não tem vivências e depois ele chega no mercado não sabe o que vai fazer, ou chega lá: “Cara o que eu vou trabalhar?”, é complicado, todo um processo que é muito grande e difícil, é difícil.

J.K. – Voltando agora um pouco a quanto tu estava na escola. Na tua época existiam campeonatos de Handebol escolares?

P.G. – Sim, bastantes campeonatos escolares, era organizado pela... Na época era a FUNDERGS<sup>16</sup> já, tinha o órgão do estado, se não me engano era o DEE, alguma coisa assim, que era o Departamento de Esporte do Estado, que organizava os eventos, tinha a prefeitura que organizava os encontros e a própria escola, o Colégio São João, a gente tinha os jogos La Sallistas que era entre as escolas La Sallistas do estado, envolvia o colégio Santo Antônio, São João, Colégio Das Dores, La Salle de Canoas, Carmo de Caxias, tinham então escolas de vários locais e a gente fazia competições também das escolas particulares e tinha competições que o estado organizava e a gente se inscrevia e participava. Então tinha bastantes competições.

J.K. – E como era o público nessas competições de handebol?

P.G. – A era grande parte, até como hoje, eram os familiares que vão assistir, assim tu ter um público que “vou lá assistir o handebol” geralmente quem vai, e não é só handebol, é o basquete, é o vôlei, dentro do escolar, falando escolar, é um público que são as próprias

peessoas, ou são os atletas da mesma modalidade que ficam assistindo ou algum pai, tio, parente que vai pra assistir tu jogar e fora isso, assim, o público ainda não conseguimos resgatar esse tipo de trabalho, de levar o público. Já se fez algumas ideia bacanas, de ter um evento de um nível, vamos supor dentro da ESEF lá, teve os Jogos Universitários lá agora, tu vê, se pensássemos de pegar as escolas do lado ali próximas e fizessemos que os alunos fossem lá assistir pelo menos uma partida nós estaríamos motivando eles para que eles voltassem a escola com interesse de conhecer e jogar handebol, então isso ainda infelizmente não acontece. A gente... É ideal que a gente busque muitas vezes, vamos tentar trazer um público, porque é legal tu ter um público, para ti jogar é muito bacana, nível escolar é pouquíssimo, nível um pouco mais elevado já vai gente para assistir, aí já consegue.

J.K. – Agora nos últimos anos o handebol ele ganhou um certo destaque nas competições mundiais, como tu mesmo falou, com a equipe de Handebol feminina. Tu acredita que o destaque do Brasil nessa modalidade traga mais visibilidade para a prática nas escolas?

P.G. – Eu acho que sim, eu acho que quanto mais tu está na mídia, mais as pessoas vão se interessar, vão tentar conhecer que esporte é esse, como é que se joga, isso facilita também o professor, porque o professor que esta trabalhando com aquela modalidade ele consegue mostrar para os seus alunos... “Olha ali, vamos ser campeões brasileiros, vamos ser campeões mundiais também, quem é que quer?” Aí tu consegue através disso motivar muita gente. Eu acho que essa... *Eu* pessoalmente achei que não teria, não viria o Brasil ser campeão porque nós temos um problema histórico também, nós temos aqui na América do Sul nosso adversário mais próximo é a Argentina, então tu imagina, o handebol é uma modalidade europeia, praticamente, nasceu na Europa, jogando muitos mais anos que o Brasil, lá tudo é muito fácil, é como sair de Porto Alegre e jogar ali em Florianópolis é outro país e tudo país com nível muito bom. Então o Brasil, qual é o adversário do Brasil? A Argentina, então nós só podemos jogar contra a Argentina, os outros adversários são muito fracos, não cresce o nível técnico quando a gente joga contra adversários fracos. Então o que ocorreu com o feminino, as meninas começaram a ser levadas para jogar em clubes fora, na Europa, então toda a seleção praticamente 98% vou te dizer, são atletas que jogam lá fora, elas começaram a jogar em um nível muito bom, quando se reuniu a seleção,

---

<sup>16</sup> Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.

elas estão acostumadas a jogar já contra aquelas equipes que antes elas perdiam fácil. Hoje em dia elas já tem autoconfiança, um nível muito mais elevado tecnicamente e facilitou também para os atletas novos que estão entrando junto, que são do Brasil, mas estão participando da seleção, isso também dá um crescimento técnico, foi a partir daí que o feminino teve essa evolução. No masculino eu vejo muito difícil, uma porque no masculino também são países muito difíceis de serem vencidos e outra que são poucos os atletas brasileiros que saem para fora do país, e também a importância de ter importado treinadores, isso foi um dos fatores fundamentais que veio com a filosofia europeia de trabalho, passamos o espanhol que começou o trabalho aqui foi de fundamental importância para um crescimento da seleção, e a gente tendo uma seleção a gente tem uma visibilidade, tendo visibilidade as equipes de baixo vão trabalhar e tu tem uma condição de divulgar o handebol melhor... Eu me sinto muito, como um professor universitário, de chegar e dizer: “olha, a modalidade que eu joguei foi campeã mundial” e a torcida maior que pelo menos ganhem uma medalha nas Olimpíadas, isso seria o auge do handebol. Então, claro que só para ti ter uma ideia dentro da tua pergunta, o voleibol, por que muita gente pratica o voleibol? Porque o voleibol está sempre na mídia, Brasil campeão, Brasil agora feminino foi campeão da décima segunda vez da Liga<sup>17</sup>, então, isso trás um prestígio, trás pessoas procurando essa modalidade, porque vê que existe um... Algo lá em cima, que me chama e diz “pô, eu posso ser um campeão mundial, posso chegar lá”, então eu acho que o handebol com esse processo feminino poderia ser mais explorado, ainda tem pouco espaço na mídia, a gente aqui, principalmente, no Sul ainda é muita dificuldade a gente tem, porque se tu abrir qualquer jornal é só futebol, futebol, futebol. As notícias de modalidades são pequenas, eu acho que ainda nós, tirando o centro do país São Paulo, já temos uma perspectiva bem grande de divulgação da modalidade, então aparece bem mais lá o handebol... Santa Catarina, que é do nosso lado, dá muito exemplo de mídia nas outras modalidades, então aqui ainda o Rio Grande do Sul acho que a gente sente bastante por divulgar mais as modalidades esportivas, e não é só o Handebol, a gente está vendo o Rugby agora que está em ascensão, tivemos o campeonato agora, o futebol americano dentro do Beira Rio<sup>18</sup> tu vê, coisas que isso não tínhamos antes. Tivemos um público de trinta mil pessoas assistindo, quando é que a gente pensava “vamos colocar um futebol americano e vai ter público”, então, tudo isso é evolução em si, o processo aos poucos, mas

---

<sup>17</sup> Liga Mundial de Voleibol.

<sup>18</sup> Estádio Beira-Rio.

a mídia e o Handebol, principalmente, vai... A tendência é ter mais adeptos à modalidade quando ela tiver chegando lá no topo.

J.K. – Então teria alguma coisa que eu não te perguntei e tu gostaria de compartilhar?

P.G. – Não, eu acho que... Eu sempre digo que eu tive a experiência, eu acho que o bacana é a gente poder oportunizar, eu digo sempre para os meus alunos que vivenciar, fazer com que as crianças vivenciem várias atividades e ela que vai fazer a escolha dela... Se vai escolher Handebol bom ela vai ver, mas eu tenho que ter a possibilidade de como profissional da Educação Física, como professor de, simplesmente, não me acomodar e dar a modalidade só que eu gosto, que eu sei. Esse é um dos grandes problemas, muitas vezes tu um professor dentro da escola que diz: “Só trabalho com vôlei.” “Por quê?” “Porque eu tenho segurança no vôlei, eu sei dar vôlei”, “Tá, mas e o basquete?” “Não sei dar basquete”, mas aí tu esta dando uma iniciação, tu tem que aprender a trabalhar na iniciação, não precisa ser um excelente treinador, mas ser um professor que tu possa passar para eles que não existe só vôlei no mundo, existe o basquete, existe o atletismo, existe a ginástica. A gente, dentro de uma escola com poucos recursos, a gente consegue montar um programa aonde eu possa fazer com que as crianças vivenciem muitas coisas, e a partir dessas vivências ela vai tentar escolher, mas daí a gente morre em uma situação: “Eu gosto mais de handebol, onde é que eu jogo handebol?”. Eu saí da escola e eu vou para a universidade, se a minha universidade não tem handebol eu vou ter que eu correr atrás para treinar. Então ainda toda essa estrutura como eu te falei, é um buraco que pode ser resolvido? Pode! A gente criar centros como o CETE<sup>19</sup>, a ideia do Centro Estadual de Esporte, ter a modalidade de handebol. A Jamile: “Eu adoro handebol” e eu digo: “Eu sei que lá no CETE tem handebol.” Então eu vou entrar no grupo de handebol e vou continuar jogando, então eu tenho referências. O professor Pedro sabe que lá no CETE tem handebol, e a Jamile está fazendo aula com o professor, e diz assim: “Jamile tu gosta muito de handebol, tu está se destacando, eu vou conversar com o professor lá do Centro de Treinamento do CETE lá para ti, se tu quer continuar jogando handebol, tem um lugar para te indicar.” Na verdade muitas crianças saem da escola gostando, com condições que tu olha assim que tem condições de seguir e ser um bom atleta de handebol, mas morre porque não tem para onde seguir, porque o professor muitas vezes da escola, a função dele

ele faz, ele dá essas oportunidades, é legal, mas tudo bem eu desenvolvi na Jamile a vontade de jogar handebol e agora onde que ela vai jogar handebol? Então muitas vezes morre na casca como eu digo, aí tu chega muitas vezes na universidade, tu já chega precisando trabalhar para pagar teus estudos e aquela modalidade que tu estava apta, tu está saindo com dezessete anos, tu está indo para uma formação ainda de processo dentro de qualquer modalidade e ali tu acaba parando, porque tu não tem patrocínio, e aí essa é a diferença dos modelos americanos, dentro das universidades tu tem a possibilidade, tu já é convidada quando tu está na escola, determinada universidade te convida para ti, além de estudar lá, ser atleta daquela universidade com bolsa, então isso que nós teríamos que ter, um processo assim, tu sai da tua escola, bom tu gosta de determinada área, independente, pode ser esporte ou não, mas tu ter a possibilidade de ser convidada, tu canta? Lá a universidade sabe que dentro da escola tu fez um trabalho de canto, te convida para estudar lá, e tu vai continuar o teu canto, que é uma coisa que tu gosta, tu vai ter a tua bolsa de estudo e tu vai participar lá pela universidade, então esse processo americano é interessante por acusa disso e lá tu vai ver que eles tem os clubes que são de alto nível, o clube, praticamente, é todo alto nível, toda a formação é na escola, segundo momento universidade e da universidade vai para o clube. Aqui nós temos a nossa formação na escola e vai para o clube, se não tem clube, não tem, tu morreu, então o que que nós temos de clube hoje em dia, Sogipa e União<sup>20</sup> e com dificuldades enormes que a gente sabe, os outros clubes passam por grandes dificuldades financeiras. Se tu quiser muitas vezes no clube tem que pagar para poder ter, hoje em dia um clube de Sogipa, União, tu vai lá e tu paga uma mensalidade e tu continua jogando, mas tem que ser pago, tu não tem uma oportunidade de tu ter uma bolsa, de tu continuar, se tu tem dificuldade, principalmente crianças de escola estadual, não tem para onde correr, então muitas vezes morre e poderia ser uma criança que com o seu talento conseguisse patrocínios, conseguisse sustentar suas famílias e assim por diante através do esporte, que pode ser atletismo, que pode ser handebol, pode ser vôlei ou pode ser basquete. A nossa estrutura em si maior é que falta nesse processo de sequencia que a gente acaba morrendo. Eu tive a felicidade e eu dizia para os meus alunos lá da UFRGS que para as coisas funcionarem em termos de estado, tem que ter principalmente duas coisas: vontade política e a pessoa certa porque não adianta eu ter a vontade política e convidar alguém para trabalhar no setor que não entende.

---

<sup>19</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

<sup>20</sup> Grêmio Náutico União.

Eu fiquei quatro anos na Secretaria de Esportes que a gente teve a oportunidade de apresentar o seu currículo, com todo o meu currículo escolar e universitário e fui convidado para trabalhar na área educacional durante quatro anos a gente conseguiu montar um processo de tudo isso que nós estávamos conversando, de fazer com que as escolas se motivassem a trabalhar novamente, ter uma competição organizada, preocupação com a parte dos deficientes, a gente montou no Estado um processo que hoje está obtendo uma continuidade, fui convidado agora pra fazer a parte técnica do evento que lá atrás, há quatro anos atrás, junto com a minha equipe a gente criou esse processo. Então tinha vontade política, porque o secretário disse: “Eu quero que façam!” Então tem que ter vontade, porque não adianta eu ter a minha vontade, mas eu não mando, tem que ter o político, isso infelizmente e as pessoas certas, quem era? As pessoas da área, então, eu dizia para os meus alunos da UFRGS: “O dia que eu tiver oportunidade, eu quero ver minhas ideias se transformarem” e uma das coisas, que claro não consegui, uma tem uma escola que se chama Mané Garrincha que é dentro do CETE, não sei se tu conhece, o Mané Garrincha, que eu queria transformar em uma escola modelo de esporte, quer dizer, todo o aluno que se destacasse iria estudar e morar e alimentação tudo ali e treinaria no CETE, de todo o estado. Então eu posso ter um talento lá em Santa Rosa<sup>21</sup>, o menino viria para cá e poderia ficar aqui, estudar e treinar e ter o destaque, então a gente teria alguns polos, se não possível em grande parte do estado, vai ter um pelo menos para fazer isso. E a outra é a bolsa universitária, o que seria a bolsa universitária? É essa ideia que eu estava te dizendo, tu sai da escola, tu quer continuar treinando, a universidade teria uma bolsa, qual é a responsabilidade da universidade? Ter um técnico e um espaço de treinamento para aquela determinada modalidade, aí a Jamile vai recebeu uma bolsa para treinar Handebol, a equipe de Handebol da universidade vai te proporcionar isso, tu vai ter a tua faculdade sendo feita gratuitamente e o estado está lá pagando e ela vai estar representando nosso estado. Então, isso é um processo que tem que ser bem trabalhado, mas que dá para acontecer é o que ocorre nos Estados Unidos, esse modelo é um modelo que eu acho que nós nos encaixaríamos melhor, e a gente vê aí Cuba que é um país, em relação ao Brasil, não tem nem graça, e é um país que tem um destaque mundial em competições, em várias competições por quê? Porque tem uma organização interna que se preocupa, o professor e o médico são importantíssimos dentro da cultura de Cuba, o professor é um... E é o que não ocorre com a gente, então, lá eles têm o processo bem definido, os trabalhos, treinador

---

<sup>21</sup> Município do Rio Grande do Sul.

nacional, tem as equipes de base, aí o treinador vai lá diz: “Eu quero esse, eu quero aquele, eu quero aquele.” Claro, Cuba é pequena, tu consegue reunir melhor, mas nós temos essas ideias dentro do país, só que nosso país é muito grande e isso é uma grande dificuldade de deslocamento, vamos supor, vamos fazer uma competição, agora mesmo para ti ter uma ideia, a gente viajou, conheci e é uma coisa que eu também queria dizer, graças ao handebol, ao esporte, eu conheci praticamente o Brasil inteiro, então, foi o que me possibilitou de conhecer, de jogar, participar, fazer amizade, muita amizade através do handebol, meus melhores amigos são do handebol, então isso possibilita... O esporte também te dá isso, como eu te digo a amizade pura, amizade sadia, uma amizade que fica e então todas, praticamente, as cidades do Brasil eu tenho amigos que quando eu vou só passo um “WhatsApp” e digo “Estou chegando, me busca”. E é a mesma coisa quando eles vem para cá, então essas possibilidades aí, só que nos eventos que a gente fazia o custo também se torna muito alto, vamos supor uma competição em João Pessoa, dava em torno mil reais, nós temos que levar em torno de cento e vinte alunos, então, é um investimento dentro da área que a gente vai ver não é nada em si, mas tem esse deslocamento, sendo que o evento lá era tudo pago, então tu tinha que levar os alunos até lá, o resto lá eles tinham até o hotel e alimentação totalmente grátis e um evento de magnitude mundial. Esses Jogos Escolares, praticamente, é o quinto evento escolar *no mundo* maior, em torno de cinco mil alunos de todo o país. Então é um encontro que a gente faz bacana e continua, esse processo aí é uma coisa que tem que estar bem alinhavado, tem que o estado estar preocupado com isso e a prática, isso abre oportunidades para os acadêmicos, à medida que eu tenho um evento forte, a escola organizada com uma boa Educação Física, podendo ter equipes de treinamento, só vou abrir campos de trabalho, porque o pessoal vai para as acadêmicas? Porque as escolas estão restritas só na Educação Física. Outra situação só para te colocar, vocês quando entram para fazer Educação Física, grande parte não sabe nem se é Educação Física que quer e já tem que escolher se é Bacharelado ou Licenciatura, mas como? Então na verdade tu tinha que entrar “vou fazer Educação Física”, então é como é Medicina, eu vejo assim, tu tem tantos anos tu vai fazer igual “dois anos agora, eu dentro do curso, eu realmente quero fazer Bacharelado” então tu vai focar mais dentro do Bacharelado, “eu me interessei pela Licenciatura” então tu vai ficar dentro da Licenciatura, como eles fazem as residências “eu fiz Clínica geral” todos fazem, “agora eu quero Pediatria” bom então tu vai para o lado da Pediatria, aí tu vai aprofundando dentro daquele campo e consigo te fazer uma profissional muito melhor do que eu te dar um geral, muitas



vezes tu esta no Bacharelado “bah, mas eu nem sei o que será que...” tu não tem noção, nós tínhamos uma formação geral, claro que faltava a específica, só o que nos dava as específicas antes? Era a nossa experiência anterior que muitos de vocês não tem, eu digo para os meus alunos que na nossa época a gente fazia a Educação Física para entrar tu tinha que fazer um teste prático, se tu não passasse do teste prático tu já nem fazia a parte teórica, já era eliminado, então lá no IPA eu tive que fazer tudo eu digo para eles: “Se vocês tivessem que fazer teste hoje em dia, vocês não entrariam”.

J.K. – A maioria...

P.G. – Não entrariam, eu digo, estava errado, estava errado, eu acho que o professor não quer dizer que tenha que ser um atleta, só que a visão da época era assim, se tu não tivesse o mínimo de condição na parte esportiva tu não entrava e a gente tinha corrida, que era resistência, natação. Hoje em dia tu entra na faculdade para aprender a natação, na época tu tinha cursinhos para se tu quisesse entrar na Educação Física, tu fazia o cursinho e depois fazia os testes de Educação Física, então o processo mudou, então a gente saía... Na verdade entrava na faculdade já com uma grande bagagem, pegava a parte teórica que nos faltava é claro, e vivenciava mais a prática ali, aprendia um pouco mais como eram as técnicas, mas tu já tinha uma base anterior. Hoje em dia a gente tem que fazer essa base além da teoria, tentar fazer a base prática para que o aluno saia com uma condição e isso se torna difícil, porque é muito rápido, tinha que especificar um pouquinho mais dentro da tua área aquilo que tu escolheu tu tem que seguir, então, como é que tu vai escolher uma coisa logo no início já? Se tu nem sabe se é Educação Física, então o que falta às vezes é isso, o aluno primeiro ter uma vivência, depois lá dentro ele escolher se ele quer seguir o que, ou, se ele não é da Educação Física, só que os alunos já tem que sair escolhendo. Eu acho isso muito ruim para quem tem que já se definir. Eu tive vários casos de alunos que estavam no Bacharelado e aí começaram a ter oportunidade na Licenciatura e se apaixonaram, imagina quantas disciplinas perdidas, praticamente, e aí teve que fazer tudo na outra, que não seria necessário se tu tivesse uma grade básica igual para todos e depois a especificação, tu vai, tu terminou “X”, bom então o que tu quer? “Eu quero isso.” Aí tu poderia focar mais na área pedagógica, aí o teu foco vai ser todo voltado para esse lado, tu vai aprender muito mais, tu vai sair muito mais especialista naquela área, aí tu já está com uma idade mais, já vivenciou a faculdade, já está com a cabeça com outra coisa, imagina com dezessete anos,

tu está saindo da escola, muita gente não sabe nem o que quer entendeu? Então é difícil, eu vejo assim, essas grandes dificuldades que não seriam necessárias se a gente tivesse um processo, eu não sei porque não se cria isso, eu não sei porque não se cria, se divide, bom era isso.

J.K. – Eu te agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]